Jornalismo guardião: uma análise do movimento jornalistas contra o assédio

PRISCILA CRISTINA FERREIRA (Autor)SAMARA ARAUJO DA SILVA (Co-Autor), JUSSARA DE CASSIA SOARES LOPES (Orientador)

A busca pela “imparcialidade” é um dos maiores desafios dos meios de comunicação. No entanto, essa perspectiva é consolidada pela procura de alguns princípios como a busca pela verdade, equidade e justiça. Nesta pesquisa analisamos o movimento “jornalistas contra o assédio” que surgiu após a repercussão do caso do cantor de funk Biel. O cantor foi denunciado por assédio sexual à uma jornalista em uma entrevista, que ocorreu no dia 3 de junho de 2016. Após a denúncia o cantor perdeu alguns contratos e passou a não aparecer com tanta frequência em programas televisivos, como por exemplo: "Faustão", "Caldeirão do Hulck"e "Eliana" . A consequência desta falta de visibilidade foi a decisão de uma pausa na carreira do artista. Nessa pesquisa utilizamos os pensadores Theodor Glasser e James Ettema que defendem a corrente do jornalismo conhecida como Watchdog, o cão de guarda da sociedade. Cuja imprensa é posicionada como uma instituição vigilante da máquina pública informando com “verdade”, sendo uma espécie de porta voz social. Trabalhamos, também, com Solano Nascimento crítico do jornalismo investigativo e autor do livro Novos Escribas. A partir desse referencial usamos como metodologia a análise de conteúdo da página "Jornalistas contra o Assédio" criada por jornalistas poucos dias depois do caso do cantor Biel. Foi levado em conta a repercussão das manifestações pela plataforma, o alcance, a relevância e eficácia. A partir disso, concluímos que a página analisada tem resquícios de uma das principais teorias do jornalismo investigativo: Watchdog e aponta para uma nova forma de cobrir denúncias contra os direitos humanos

Instituição de Ensino: Universidade Federal de Ouro Preto

ISSN: 21763410